

FERNANDO FONTES / GLOBAL IMAGES



## “Não estamos sós”

**A** coisa está a piorar. No final do primeiro semestre, as falências de famílias representavam 53% do total, ultrapassando pela primeira vez as de empresas. No mesmo período de 2010 valiam apenas 27%. O crescimento é exponencial e ganha outra dimensão quando analisado não em percentagens, mas em números. De Janeiro a Março, quatro mil famílias entraram em insolvência. Dois meses volvidos, no final de Maio, já eram o dobro: oito mil.

As estatísticas do Ministério da Justiça são escassas, mas o fenómeno é preocupante, tanto mais que abrir falência é o derradeiro capítulo do calvário das famílias sobreendividadas, que antes do recurso ao tribunal passam pelas fases de parte do ordenado penhorado e das tentativas de consolidação e renegociação dos créditos.

A coisa está a piorar, mas Catarina Frade, 41 anos, jurista e investigadora em endividamento, chama à atenção para o facto de não estarmos sós. Está a crescer assustadoramente a quantidade de famílias que deixaram de pagar as dívidas e abriram falência em países tão insuspeitos como a Alemanha, Suécia ou Holanda.

Professora na Faculdade de Economia de Coimbra, Catarina participou a meio desta semana, em Gdansk, Polónia, na V Conferência Anual da European Consumer Debt Network, onde ouviu relatos e estatísticas impressionantes.

Na Suécia, estima-se que entre 15% e 25% da população esteja sobreendividada, o que faz da

recuperação de crédito o sector económico mais florescente, ao ponto de ter sido uma empresa de cobranças a patrocinar a lua-de-mel da princesa Vitória – e de ser corrente a cena de condutores, com prestações da compra do carro em atraso, despojados da sua viatura após terem sido apanhados numa paragem num semáforo pelos equivalentes suecos aos cobradores do fraque.

“Não estamos sós. O retraimento do Estado Social, com o

agravamento das condições de vida dos europeus, ditado pelos programas de austeridade, está a provocar situações dramáticas por todo o lado”, refere a investigadora de Coimbra, que abriu uma excepção na sua rotina diária de ir comer a casa para almoçar connosco na sala confortável e cheia de luz da cafetaria do Museu da Ciência, bem no coração do pólo tradicional da mais velha universidade portuguesa.

Com um perfil contido de consumo, Catarina tem apenas um crédito (à habitação, contraído para comprar um apartamento com capacidade para acomodar o Bernardo, três anos, o mais novo dos seus dois filhos) e uma opção de pagamento a 100% do Visa que usa essencialmente para encomendar livros na Net e fazer uma ou outra compra nas viagens que faz para participar em reuniões no estrangeiro.

Defensora da poupança como um consumo prioritário (“é uma almofada que nos vai dar tempo para respirar quando estivermos em dificuldade”), não admira a opção pelo menu Lavoisier, uma opção económica que por 6,5 euros oferece sopa (ou taça de frutas), uma sanduíche aberta (um pequeno mal-entendido impediu-nos de comer a de salmão fumado), um sumo natural e o café.

Tal como Ulisses, na Odisseia, soube resistir ao canto das sireias que o queriam atrair para a morte por afogamento, Catarina também não se deixou enfeitar pelo crédito fácil, mas compreende que muita gente se tenha deixado seduzir pelo dinheiro barato que as financeiras agitavam debaixo dos nossos narizes.

“Os regimes são hipócritas. Escancararam as portas do acesso ao crédito. E agora penalizam de forma brutal as famílias sobreendividadas, em vez de as aliviar e ajudar a voltarem a pôr-se de pé”, critica Catarina, citando em sua defesa um estudo governamental austríaco que conclui que por cada euro investido na renegociação ou consolidação das dívidas das famílias, o Estado poupa quatro euros em apoios sociais. ■

